

"QUEIMA DA FOLHA DA SERINGUEIRA" - CONTROLE ATRAVÉS
DO CULTIVO DE CLONES SELECIONADOS, EM CONDIÇÕES
AMBIENTAIS DESFAVORÁVEIS AO PATÓGENO.

José Rubens Cordeiro Gonçalves
Ismael de Jesus Matos Viegas
Terezinha Xavier Bastos

(Técnicos do IPEAN e participantes do
Programa de Pesquisas de Seringueira
financiado pela SUDHEVEA).

Tem sido observado, desde muito tempo, que a doença "QUEIMA DA FOLHA DA SERINGUEIRA", causada pelo fungo DOTHIDELLA ULEI, cujo nome científico tem sido alvo da preocupação dos micologistas interessados em ligá-lo ao seu próprio nome, através de propostas de modificações devidas a estudos de sistemática, estranhamente não ataca epifitoticamente grupos de seringueiras adultas em determinadas condições. Citações de literatura e observações visuais evidenciam estes casos de "escaping" na Costa Rica, São Paulo, Bahia, Belém e Belterra.

Por outro lado, sabemos que, para que uma qualquer doença de planta se manifeste epifitoticamente, é preciso que, além da disponibilidade do patógeno em estado infectivo e do órgão do hospedeiro em estágio de susceptibilidade, haja condições ótimas para o patógeno, de todos os fatores ambientais, inclusive temperatura e umidade do ar. Quando estas condições ambientais não são satisfeitas, não há condições para o desenvolvimento da doença em caráter epifitótico, que causa prejuízos desastrosos para as plantas. O desenvolvimento epifitótico da doença é produzido pela repetição contínua do ciclo de desenvolvimento do patógeno que consta de germinação do esporo, penetração da hifa, incubação e produção de esporos.

Os casos de "escaping" comentados acima parecem ser devidos predominantemente à falta de condições ambientais favoráveis ao desenvolvimento da doença.

A partir de junho de 1972, foi iniciado o estudo das condições ambientais de dois seringais que se mostravam em condições satisfatórias de desenvolvimento vegetativo apesar de situado em áreas onde a presença de esporos do patógeno no ar é indiscutível. Um destes é o Seringal de Várzea do IPEAN, situado às margens do Rio Guamã, atrás da cidade de Belém, e o outro é um seringal de propriedade particular, situado em Aramanaí, próximo à Belterra, também no Estado do Pará.

O Seringal de Várzea do IPEAN é constituído, todo ele, de

clones orientais de alta produção com "stand" original de 500 árvores. Apresenta idade de 17 anos, consta de 3 repetições de 15 clones orientais e espaçamento de 7x3.

À mesma época, o mesmo experimento de competição de clones orientais foi implantado em local de terra alta não inundável, cerca de 2km distante do seringal de Várzea.

Este experimento não mais existe, vitimado que foi pelas doenças e más condições de desenvolvimento e nutrição.

O seringal particular de Aramanaí é constituído de uma mistura de clones orientais e híbridos resistentes nacionais.

Há evidências de que o fungo DOTHIDELLA ULEI, para causar surtos epifitóticos em árvores adultas com renovação anual integral de folhas, necessita produzir uma quantidade muito grande de esporos por área, para que haja oportunidade para que cada folha nova suscetível seja infectada em diversos pontos, cada ponto por diversos esporos. Por outro lado, isto só pode ser alcançado quando o volume de folhagem por área, de um grupo de seringueiras, é bastante grande para permitir que os esporos produzidos pelas folhas infectadas sejam antes avolumados do que dispersos pelas correntes de ar, permitindo que, a cada ano, aumente a necessidade da infestação.

Neste particular, a "QUEIMA DA FOLHA DA SERINGUEIRA" evidencia-se como uma doença de efeitos cumulativos, isto é, cada ano há maior severidade no ataque, chegando ao desfolhamento total das plantas suscetíveis, devido a uma produção cada vez maior de inóculo.

Nas condições de margem de rios largos, as condições ambientais, principalmente de ventilação, turbulência e outras, parecem refletir-se na umidade e temperatura do ar da plantação.

Um levantamento preliminar da ocorrência da "QUEIMA DA FOLHA" no Seringal de Várzea do IPEAN, às margens do GUAMÁ, evidenciou que somente as folhas dos galhos mais baixos apresentavam ataques da doença; à altura de mais de 5 metros, em geral, as folhas apresentavam-se livres de infecção.

Os dados de umidade, obtidos através de instalações de termohigrógrafos em duas diferentes alturas, mostravam que, à altura das copas, não havia condições de umidade no ar para a germinação de esporos e, conseqüentemente, penetração e desenvolvimento nas folhas novas durante o mês de setembro de 1972. Ao contrário, a umidade do ar próximo ao nível do solo, durante os meses de renovação da folhagem, era suficientemente e continuamente alta, para satisfazer às 10 horas necessárias para a produção de infecção das folhas novas.

A aniquilação do mesmo experimento em terra firme evidencia que outros fatores, além do tamanho da plantação (volume de folhagem por área), devem ter influenciado para que o seringal de várzea tenha podido desenvolver-se satisfatoriamente com alguns clones produzindo bons resultados como o RRIM 600 com 30 g b.s.c. A folha

gem de todos os clones é bem desenvolvida. Os dados de circunferência e espessura da casca estão em folha anexa.

No Seringal de Aramanaí, às margens do Rio Tapajós, com largura maior que o Guamã, embora não se tenha feito ainda um levantamento sistemático, pode-se afirmar que há um aumento do grau de infestação da doença a partir de zero na parte da plantação mais próxima ao rio, aumentando à proporção que a plantação avança para o interior do continente, no fim da qual as plantas aparecem severamente atacadas.

Os dados de umidade coletados no mês de setembro, através de termohigrógrafos colocados no seringal em 4 diferentes distâncias do rio, mostraram que somente na parte mais afastada do rio havia condições favoráveis ao desenvolvimento do patógeno.

A largura do Rio Tapajós, à altura do Seringal de Aramanaí, maior que a do Rio Guamã, pode ter influenciado no baixo grau de umidade verificado nos pontos mais próximos à margem.

Em folha anexa, encontram-se os dados de umidade obtidos nos dois seringais.

Estas observações nos levam a crer que poderemos repetir, em caráter comercial, a implantação de seringais em condições ambientais semelhantes e livres de ataques epifitóticos da "QUEIMA DA FOLHA", às margens de rios largos da Amazônia, em blocos de plantas, pequenos mas rentáveis, separados uns de outros por distâncias suficientemente grandes que determinem a inviabilidade dos esporos, se conhecermos todas as variáveis que concorrem para formar condições ambientais desfavoráveis à infestação da seringueira pela doença causada por "DOTHIDELLA ULEI".